

O GRANDE CONFLITO E O PLANO DA SALVAÇÃO

Pr. Albino Marks

Ellen G. White, na introdução de seu livro “O Grande Conflito”, escreveu: *“Mediante a iluminação do Espírito Santo, as cenas do prolongado conflito entre o bem e o mal foram apresentadas à autora destas páginas. De quando em quando foi-me permitido contemplar o desenvolvimento, nas diversas épocas, do grande conflito entre Cristo, o Príncipe da vida, o Autor de nossa salvação, e Satanás, o príncipe do mal, o autor do pecado, o primeiro transgressor da santa lei Deus. A inimizade de Satanás para com Cristo se manifestou contra Seus seguidores. O mesmo ódio aos princípios da lei divina e a mesma tática de engano – pela qual se faz o erro parecer verdade, e pela qual a lei divina é substituída pelas leis humanas e os homens são levados a adorar a criatura em lugar do Criador – podem ser vistos em toda a história passada. Os esforços de Satanás para representar de maneira falsa o caráter de Deus, fazendo com que os homens nutram um conceito errôneo do Criador e assim O considerem com temor e ódio em vez de amor; seu empenho para anular a lei divina, levando o povo a se julgar livre das exigências dessa lei, e sua perseguição aos que ousam resistir aos seus enganos têm continuado persistentemente em todas as épocas. Podem ser observados na história dos patriarcas, profetas e apóstolos, mártires e reformadores.*

“No grande conflito final, como em todas as épocas anteriores, Satanás empregará as mesmas estratégias, manifestará o mesmo espírito e trabalhará para o mesmo fim. Aquilo que foi será, com a exceção de que a luta futura será marcada por uma terrível intensidade, como o mundo jamais testemunhou. Os enganos de

Satanás serão mais sutis, e seus ataques, mais decididos. Se fosse possível, ele enganaria até mesmo os eleitos (Mc 13:22)” (GC, p. 12).

Lúcifer era a mais exaltada criatura de Cristo: “você era o modelo da perfeição, cheio de sabedoria e de grande beleza. [...] Você foi ungido como um querubim guardião, pois para isso eu o designei. Você estava no monte santo de Deus e caminhava entre as pedras fulgurantes” (Ez 28:12-14, NVI).

“O Pai trabalhou por meio de Seu Filho na criação de todos os seres celestiais. [...] O Filho de Deus fizera a vontade do Pai na criação de todos os seres celestiais; e a Ele, bem como a Deus, eram devidas as homenagens e a fidelidade daqueles. Cristo ia ainda exercer o poder divino da criação da Terra e de seus habitantes” (PP, 10, 12).

“Ele [Cristo] foi o Criador de todas as coisas, e sustenta os mundos com Seu infinito poder” (TI, v. 5, p. 421).

De maneira inexplicável, esse exaltado e glorioso querubim deu origem, no centro do Universo, porque em sua posição de honra estava junto ao trono de Deus e de Cristo, ao grande conflito cósmico de conceitos espirituais que afetou todo o Universo,

Outra questão muito importante em relação a este conflito com suas dimensões cósmicas, acontece em dimensões individuais em cada mente e caráter humano. Enganado por Satanás, o ser humano também se rebelou contra Deus pela desobediência às Suas orientações: *“o Senhor Deus ordenou ao homem: ‘coma livremente de qualquer árvore do jardim, mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em dela comer, certamente você morrerá’” (Gn 2:16, 17, NVI).*

Pelo ato da desobediência à ordem de Deus, o ser humano pecou e se tornou prisioneiro escravo de Satanás, condenado à morte eterna: *“pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus. [...] Pois o salário do pecado é a morte”* (Rm 3:23 e 6:23, NVI).

Sobre esta dimensão individual Ellen G. White comenta: *“o grande conflito entre o Príncipe da luz e o príncipe das trevas não arrefeceu um jota ou um til de seu ímpeto com o passar do tempo. O conflito árduo entre a luz e as trevas, entre o erro e a verdade, só aprofunda em sua intensidade. A sinagoga de Satanás se encontra extremamente ativa, e o poder enganador do inimigo trabalha de maneira mais sutil nesta era. Cada ser humano que não se entrega a Deus e não vive sob o controle do Espírito será pervertido pelos agentes satânicos.*

“O inimigo trabalha sem parar, a fim de suplantar Jesus Cristo no coração humano e colocar seus atributos no caráter das pessoas, em lugar dos atributos divinos. Ele lança as suas fortes ilusões sobre a mente humana a fim de obter poder controlador, obscurecer a verdade e abolir o verdadeiro Padrão de bondade e justiça, para que o professo mundo cristão seja varrido para a perdição, separando-se de Deus. Ele trabalha para que o egoísmo tome conta do planeta, invalidando os efeitos da missão e obra de Cristo”. (MM, 2022, p. 229).

Destaco com ênfase que o autor do grande conflito de conceitos espirituais e do pecado, *“é Satanás, o príncipe do mal, o autor do pecado, o primeiro transgressor da santa lei Deus. [...] Os esforços de Satanás para representar de maneira falsa o caráter de Deus, [...] levando o povo a se julgar livre das exigências dessa lei, e*

sua perseguição aos que ousam resistir aos seus enganos têm continuado persistentemente em todas as épocas. [...] Satanás empregará as mesmas estratégias, manifestará o mesmo espírito e trabalhará para o mesmo fim. [...] Os enganos de Satanás serão mais sutis, e seus ataques, mais decididos. [...] Cada ser humano que não se entrega a Deus e não vive sob o controle do Espírito será pervertido pelos agentes satânicos. [...] Ele trabalha para que o egoísmo tome conta do planeta, invalidando os efeitos da missão e obra de Cristo”.

Entretanto, a verdade mais grandiosa que precisa ser compreendida é que as Escrituras Sagradas revelam que Deus em Sua onisciência e presciência, previu a possibilidade do conflito e, em Seu imenso amor para o ser humano que criou para a Sua glória (Is 43:7), Ele estabelecera “o seu eterno plano da salvação” que realizaria por meio de “Cristo Jesus, nosso Senhor” (Ef 3:11): “porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:15, NVI).

“Jesus veio ao mundo a fim de trazer de volta o caráter de Deus à humanidade e reimprimir na alma humana a imagem divina. Ao longo de toda Sua vida, por meio do esforço contínuo e laborioso, Cristo buscou chamar atenção do mundo para Deus e Suas santas reivindicações, a fim de que os seres humanos se encham do Espírito de Deus, sejam movidos pelo amor e revelem tanto na vida como no caráter os atributos divinos. Cristo veio para ser luz, e luz do mundo; Sua vida foi de constante negação do eu e sacrifício pessoal. O Senhor Jesus valorizava cada ser humano e não conseguia suportar a ideia de uma pessoa perecer. Seu grande

coração de amor envolvia o mundo inteiro e O levou a oferecer salvação completa a todos que Nele crerem.

“No caráter de Cristo se uniam majestade e humildade. Temperança e negação do eu eram identificadas em cada ato de Sua vida. Mas não havia traço algum de fanatismo nem autoridade fria manifesta na Sua conduta que diminuíssem a Sua influência junto àqueles com quem entrava em contato. O Redentor do mundo tinha uma natureza muito mais que angelical. Contudo, ligada à Sua majestade divina, havia mansidão e humildade que atraíam todos a Ele” (MM, 2022, p. 229).

Sobre a importância do estudo e da compreensão do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás, Ellen G. White também escreveu: *“o sacrifício exigido de Abraão não foi somente para seu próprio bem nem unicamente para o benefício das gerações seguintes, mas também foi para instrução dos seres destituídos de pecado, no Céu e em outros mundos. O campo do conflito entre Cristo e Satanás, o terreno sobre o qual se desenvolve o plano da salvação, é o compêndio do Universo” (PP, p. 122).*

Está aqui perante nós uma questão crucial: o desenvolvimento do grande conflito cósmico entre Cristo e Satanás *“é o compêndio do Universo [...] dos seres destituídos de pecado, no Céu e em outros mundos” (PP, p. 122).*

Portanto, nesse amplo contexto, para a compreensão correta das Escrituras Sagradas, como escritos que relatam acontecimentos reais e verdadeiros é preciso reconhecê-las e aceitá-las como o autêntico documento histórico elaborado por Deus, que em todas as suas predições proféticas e nos seus relatos históricos, .em primeiro plano têm como foco central revelar para o ser humano vencido por

Satanás e sob o domínio da temporalidade do pecado, a origem desse grande conflito espiritual entre Cristo e Satanás, seu desenvolvimento e a sua solução,

Por esta razão, revelando o grande conflito cósmico e o plano da salvação, seus relatos ultrapassam em muito os limites da história da humanidade como a conhecemos em seu período sob o domínio da temporalidade do pecado. Sem a compreensão dessa visão cósmica, grande parte dos seus relatos são avaliados como fantásticas criações de irrealidades ficcionais, porque as Escrituras Sagradas falam de realidades eternas e espirituais que *“são loucura para quem não tem o Espírito de Deus”* (1Co 2:14).

Quando a história da humanidade encontra dificuldades para definir e sustentar os acontecimentos depois de mil anos antes de Cristo, a história bíblica nos conduz com segurança até quatro mil anos antes de Cristo e ainda nos revela importantes e profundos lampejos da eternidade.

O grande conflito, o plano da salvação e a tipologia do santuário.

Para os israelitas compreenderem o plano da salvação e o desenvolvimento do grande conflito de conceitos espirituais, Deus orientou Moisés para erigir o santuário repleto de mensagens em símbolos. Toda a tipologia centraliza-se em Jesus Cristo.

No pátio desenvolvia-se todo o simbolismo do resgate do pecador sob o domínio de Satanás. O Remidor, Jesus, era simbolizado pelo animal substituto inocente, morrendo em lugar do pecador culpado, escravo de Satanás. Tipicamente o pecador obtinha o perdão de seu pecado, como um ato da graça de Deus e na aceitação da dádiva, pela fé, era justificado.

No compartimento santo do santuário, desenvolvia-se o processo de santificação, o crescimento na graça no preparo para viver na presença de Deus, no mundo restaurado. O candelabro tipificava Cristo, a luz da verdade que ilumina a mente para compreender toda vontade de Deus expressa em Sua lei e em *“toda palavra que procede da boca de Deus”* (Mt 4:4. NVI).

Os pães da mesa da proposição, tipificavam Cristo, o pão da vida, nutrindo com Seus ensinamentos a vida espiritual de todos aqueles que têm fome e sede de justiça: *“Tu tens as palavras de vida eterna”* (Jo 6:68, NVI).

O altar do incenso tipificava Cristo em Sua permanente intercessão a favor do pecador contrito e penitente.

No compartimento santíssimo encontrava-se a arca do concerto, tipificando o trono de Deus, contendo as tábuas da lei dos Dez Mandamentos, a sua norma para reger o Seu povo, o Seu Reino.

Nesse compartimento desenvolvia-se tipicamente a eliminação do pecado, a condenação e aniquilamento do autor do pecado e a recompensa de glorificação dos justificados e santificados.

O dia dez do sétimo mês era o dia da Expição, o dia de um novo começo para o israelita. O santuário estava purificado de todas as *“impurezas e das rebeliões dos israelitas, quaisquer que tenham sido os seus pecados.”* (Lv 16:16, NVI).

O bode emissário, tipificando Satanás e todos os seus demônios, levou sobre si a condenação de *“todas as iniquidades deles para um lugar solitário, [...] no deserto”* (Lv 16:22, NVI).

Esse cerimonial típico declarava toda a nação perdoada, justificada e santificada, que com grande, júbilo durante sete dias, se

envolvia na festa das cabanas, celebrada fora das dependências do santuário, tipificando a glorificação dos redimidos em sua herança eterna.

Para o povo de Israel compreender todo o simbolismo dos rituais do santuário, Deus transmitiu para Moisés orientações em forma de *“decretos e leis”*, para ensinar ao povo praticar de maneira correta cada serviço típico do plano da salvação. (Dt 10:4), em consequência do grande conflito de conceitos espirituais.

Todo esse simbolismo encontrou a sua realidade com Jesus, que *“por meio de um único sacrifício, aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados”* (Hb 10:14, NVI), cumprindo o símbolo do animal substituto oferecido sobre o altar dos sacrifícios, no pátio, provendo a dádiva da graça, oferecendo o perdão e justificando o pecador contrito, que pela fé, aceita a oferta de Deus por meio de Cristo Jesus.

No santuário celestial, como sacerdote, Jesus ministra no compartimento santo revelando a Si mesmo como a luz da verdade: *“Eu sou a luz do mundo [...] que ilumina todos os homens”* (Jo 8:12 e 1:9, NVI); o pão da vida: *“Eu sou o pão da vida. Aquele que vem a mim nunca terá fome. [...] Tu tens as palavras de vida eterna”* (Jo 6:36, 68, NVI); e a Sua permanente intercessão em favor daqueles que estão *“sendo salvos”* (At 2:47, NVI).

No lugar santíssimo, a arca contendo as duas tábuas da lei dos Dez Mandamentos, revela Jesus como o Rei da teocracia universal.

No Apocalipse esse ministério de Jesus é descrito nos primeiros três, no sexto e no décimo primeiro ao décimo terceiro capítulo, conduzindo a missão da igreja na proclamação do plano da

salvação ao longo dos séculos, que enfrenta a tenaz e violenta oposição de Satanás, no grande conflito de conceitos espirituais, até a segunda vinda.

Como sumo sacerdote, ministra no segundo compartimento, o santíssimo, desde 1844, o juízo em suas fazes investigativa e executiva, que o profeta João descreve no quarto, quinto, sétimo ao décimo e décimo quarto até o vigésimo capítulo.

Os capítulos vinte um e vinte e dois encontram o seu simbolismo na festa das cabanas, os salvos celebrando a recepção de sua herança eterna e tendo Jesus como seu glorioso e poderoso Rei: *“então a soberania, o poder e a grandeza dos reinos que há debaixo de todo o céu serão entregues nas mãos dos santos, o povo do Altíssimo. O reino dele será um reino eterno, e todos os governantes o adorarão e lhe obedecerão”* (Dn 7:27, NVI).

Deus, Lúcifer, Graça e Rebelião. Para obter uma compreensão mais clara das predições apocalípticas dos profetas Daniel e João, é importante compreender os lampejos das Escrituras Sagradas que penetram a eternidade, onde a história humanista não consegue chegar porque o fundamento que sustenta essa compreensão é rejeitado.

Somente as Escrituras Sagradas oferecem uma explicação convincente da existência de Deus como o Criador e Mantenedor do maravilhoso Universo, do qual o planeta Terra é uma ínfima partícula.

Moisés inicia o seu relato com a declaração conclusiva: *“No princípio Deus...”* (Gn 1:1). Paulo complementa a declaração, dizendo: *“todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste”* (Cl 1:16, 17, N VI).

Sobre esse começo da história da humanidade, os historiadores humanos nada têm a dizer.

Deus e Seu caráter. Sobre Deus e Seu caráter, as Escrituras Sagradas têm informações muito importantes: *“justiça e direito são o fundamento do teu trono; graça e verdade te precedem”* (Sl 89:14, NAA).

Quatro atributos comunicáveis do caráter de Deus são colocados em evidência nesse texto em relação ao Seu trono, o centro do Seu governo e de relacionamento com Suas criaturas: justiça, direito, graça e verdade.

Mas o autor deste salmo coloca em destaque que: *“graça e verdade te precedem”*, ou conforme outra tradução: *“graça e verdade vão adiante de ti”* (TB), demonstrando que a justiça e o direito são executados tendo como base o inamovível alicerce da graça e da verdade. A justiça e o direito não são executados como um ato de autoritarismo despótico, ou de vingança e ódio, mas precedidos por um processo de misericordiosa graça sob a luz de toda a pureza da verdade.

O apóstolo Paulo também relaciona a graça com o trono de Deus: *“Assim, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança”* (Hb 4:16, NVI).

O apóstolo Pedro revela uma ideia muito significativa sobre a graça: *“sirvam uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como encarregados de administrar bem a multiforme graça de Deus”* (1Pe 4:10, NAA). *“Administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas”* (NVI).

Pedro revela que a graça de Deus não se manifesta em apenas uma forma, mas em múltiplas formas.

Como, então, definir e compreender a graça, esse atributo do caráter de Deus que é *“multiforme?”*

Para o profeta Isaías Deus se revelou, dizendo: *“Ainda antes que houvesse dia [tempo], Eu sou”* (Is 43:13, NAA). E o apóstolo Paulo, falando de Jesus, declarou: *“Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre”* (Hb 13:8, NAA).

Deus é eterno, Jesus é eterno. Assim também, por questão lógica, todos os atributos do caráter de Deus são eternos, perfeitos e completos, formando uma totalidade holística, eterna, perfeita e completa. Nada pode ser acrescentado e nada pode ser tirado, omitido. Portanto, Seus atributos são presentes no caráter e nas ações de Deus ao longo da eternidade, independentes da existência, ou não, do pecado. No Salmo 103, o rei e poeta Davi, referindo a um dos atributos de Deus declarou: *“Mas a misericórdia do Senhor é de eternidade a eternidade”* (Sl 103:17, NAA).

Assim acontece com a graça de Deus. O Salmo 89:3, Matos Soares traduz: *“porquanto disseste: ‘a graça está estabelecida para sempre’; no céu estabeleceste a tua fidelidade”*. A tradução do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, traz o mesmo texto como verso 2: *“eu digo: ‘a graça tem bases eternas; como os céus firmastes a vossa fidelidade’”*. Em verdade, no Salmo 103:17, a palavra traduzida por misericórdia, também pode ser traduzida por graça.

A questão muito importante a ser compreendida é a mensagem do apóstolo Pedro, de que a graça Deus manifesta de múltiplas formas.

Deus é o magnífico, eterno e único “Eu Sou”. Assim é Jesus e assim é o Espírito Santo. Quando entendemos que a Trindade é o magnífico, eterno e único “Eu Sou”, Aquele que é de eternidade a eternidade, e que o Seu plano de vida para Suas criaturas não se fundamenta em leis fixas e frias, mas no relacionamento de amor, harmonia e confiança, compreendemos que a graça é a vida eterna de Deus comunicada às Suas criaturas, como um dom de Seu imutável e eterno amor. Todas as criaturas criadas por Deus são dependentes de Sua graça. Nenhuma subsiste por si mesma. Portanto, tudo o que as criaturas de Deus recebem, são manifestações do caráter amoroso do Deus-Trino, que é graça plena e inesgotável.

A criação e seu propósito no plano de Deus. O propósito de Deus para toda a Sua criação era e continua sendo que O glorifique como Deus eterno; o Criador e o Mantenedor de toda a Sua criação, pleno de justiça, amor e graça. *“Os céus declaram a glória de Deus”* (Sl 19:1, NVI). *“Todo o que é chamado pelo meu nome, a quem criei para a minha glória, a quem formei e fiz”* (Is 43:7, NVI). *“Desde os séculos eternos era o desígnio de Deus que todos os seres criados, desde os luminosos e santos serafins até ao homem, fossem um templo para morada do Criador”* (DTN, p. 161).

Com esse propósito de Deus para a criação do Universo, analisemos a criação de Lúcifer, sua missão, queda e rebelião.

Lúcifer foi criado perfeito para cumprir esse propósito: *“você era perfeito nos teus caminhos, [...] desde o dia em que foi criado”* *“Você era o modelo da perfeição, cheio de sabedoria e perfeito em formosura”* (Ez 28:12, NAA).

Recebeu todos os ornamentos para conferir formosura à sua estrutura física e comunicar ao exército celestial de anjos a importância de sua posição: *“tudo foi preparado no dia em que você foi criado”* (Ez 28:13, NVI).

Foi dotado de sabedoria e *“ungido”*, proclamado como *“um querubim da guarda. [...] Eu o estabeleci, [...] no monte santo de Deus”* (Ez 28:14, NAA).

Deus o fez [a Lúcifer] bom e formoso, tão semelhante quanto possível a Si próprio. [...] Concedeu-lhe elevada posição de responsabilidade. Nada lhe pediu que não fosse razoável. Deveria ele administrar o cargo que Deus lhe atribuía, num espírito de mansidão e devoção, buscando promover a exaltação de Deus, o qual lhe dera glória, beleza e encanto” (VA, p. 15).

“Lúcifer, o “filho da alva” sobrepujando em glória todos os anjos que rodeavam o trono, e ligado pelos mais íntimos laços ao Filho de Deus” (DTN, p. 435).

“Aquele que se havia colocado em oposição a Deus era um ser de grande poder e glória. Sobre Lúcifer, o Senhor declarou: ‘Você era o modelo da perfeição, cheio de sabedoria e perfeito em formosura’ (Ez 28:12). Lúcifer tinha sido querubim de guarda. Estivera na luz da presença divina. Havia sido o mais elevado de todos os seres criados e revelava ao Universo os propósitos divinos. Depois de pecar, seu poder de enganar se tornou maior. E ficou mais difícil descobrir seu caráter, por causa da posição exaltada que tinha junto do Pai” (DTN, p. 758).

Dependência e graça Seguramente uma das maiores e mais importantes mensagens de Deus para Suas criaturas é a revelação

de Si mesmo como o manancial da graça. Quando receberam as Suas criaturas esse conhecimento de que Deus é graça?

Fundamentada em Hebreus 1:3, Ellen G. White revela que todas as criaturas de Deus receberam o conhecimento da graça, sua dependência de Cristo, no momento do ato de sua criação: *“mas o Filho, o Ungido de Deus, ‘a expressa imagem de Sua pessoa’ (Hb 1:3, ARC), o ‘resplendor da Sua glória’ (Is 66:11), ‘sustentando todas as coisas pela palavra do Seu poder’ (Hb 1:3), tem a supremacia sobre todos eles”* (PP, p. 10).

Todos os seres celestiais e os seres humanos foram criados perfeitos em si, mas na sua existência são dependentes de Cristo Jesus, Deus eterno, *“sustentadas pela palavra do Seu poder”*, por Sua multiforme graça, o ato revelador da dependência de todos de Sua supremacia.

Um fato importante que é colocado em evidência na comunicação da graça é a determinação de Deus fundamentando-a no relacionamento que tem como alicerce o amor. Amor de Deus para com os seres criados, revelado no princípio do livre arbítrio concedido, a liberdade de fazer escolhas e tomar decisões. Amor das criaturas para com Deus, reconhecendo-o como a fonte do amor e da graça e declarando a sua inteira dependência no ato da obediência. Portanto graça e obediência, uma dádiva e uma resposta, são inseparáveis desde a eternidade. Deus revela o Seu amor e a Sua graça sustentando as Suas criaturas, e as criaturas exercendo a sua liberdade da escolha, revelam o seu reconhecimento, obedecendo movidas pelo amor.

“Sendo a lei do amor o fundamento do governo de Deus, a felicidade de todos os seres inteligentes depende da perfeita

harmonia com seus grandes princípios de justiça. Deus deseja de todos os seres criados por Ele o serviço de amor, que brote de um reconhecimento de Seu caráter. Ele não tem prazer na obediência forçada e concede a todos livre-arbítrio para que Lhe possam prestar serviço voluntário”.

“Enquanto todos os seres criados reconheceram a lealdade pelo amor, havia perfeita harmonia por todo o universo de Deus. A alegria da hoste celestial era cumprir o propósito do Criador. Tinham prazer em refletir Sua glória e manifestar Seu louvor. E, enquanto o amor para com Deus predominava, o amor de uns para com outros era cheio de confiança e abnegação. Nenhuma nota dissonante havia para desafinar as harmonias celestiais” (PP, p. 10).

Na instrução e ordem de Deus dada a Adão e Eva, antes do pecado, evidenciam-se os conceitos da graça, da lei e do julgamento ou juízo. *“Coma livremente”* – o conceito da graça expresso na forma de uma orientação para, no contexto da liberdade de escolha desfrutar todas as dádivas que procedem de Deus. *“Mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal”* – o conceito da lei, mas que também manifesta o conceito da graça na forma de uma ordem para prevenir contra o uso errado da liberdade de escolha. *“Se comer da árvore do bem e do mal, certamente você morrerá”* – o conceito da lei e do julgamento ou juízo (NVI), mas que revela as consequências da rejeição do conceito da graça na forma de orientação e ordem, e demonstrando que a graça está inquestionavelmente relacionada com a obediência.

Logo, a graça não é uma dádiva somente para o ser humano, mas em suas diferentes formas é manifestada a todas as criaturas de Deus. A respeito dos anjos e seu relacionamento para com Deus,

é declarado pelo salmista: *“Bendizei o Senhor, vós seus anjos, forças de elite a serviço de sua palavra, que obedecéis ao ressoar de sua palavra”*. (Sl 103:20, TEB).

Assim como Adão e Eva receberam orientações e ordens de como relacionar-se com Deus em amorosa obediência, também os anjos foram instruídos do mesmo modo: *“os anjos de Deus não ambicionam maior conhecimento do que conhecer a vontade de Deus; e seu maior deleite é cumprir a perfeita vontade do Pai celestial”*. (E Recebereis Poder, MM. 1999, p. 362).

“Todos os seres criados vivem pela vontade e poder de Deus. São dependentes depositários da vida de Deus. Do mais alto serafim ao mais humilde dos seres vivos, todos são providos da Fonte da vida” (DTN, p. 785).

Todas as criaturas de Deus, em Seu imenso Universo, foram e continuam envolvidas pelo elo da dependência *“da Fonte da vida”*, Cristo Jesus, de Seu amor e de Sua graça, nEle revelados. A resposta da dependência da graça é manifestada pelo ato da liberdade de escolha de obediência espontânea por amor. A liberdade de escolha também é uma dádiva da graça de Deus. A rejeição da dependência de Deus pelo mau uso da liberdade de escolhas é rebeldia.

Com facilidade compreendemos a graça como o dom de Deus para salvar o ser humano do pecado. No entanto, no Éden, a graça, era o dom de Deus para preservar o ser humano do pecado. Desde que saiu das mãos do Criador, a vida do ser humano era um dom da graça de Deus, ou seja, a vida de Deus era comunicada ao ser humano como uma dádiva de Sua graça. O desenvolvimento do ser humano em todas as áreas estava ligado ao manancial da graça. Se

o ser humano houvesse sempre seguido a orientação da graça, a queda não teria vindo à existência.

As mesmas condições são reais e verdadeiras para os seres celestiais no Universo perfeito que expressam a sua liberdade de escolha na obediência movidos pelo amor. Sobre a criação de Lúcifer e a dádiva da liberdade de escolha, Ellen G. White declarou: *“quando o Senhor criou esses seres [angélicos] para estarem diante de Seu trono, eram eles belos e gloriosos. Sua amabilidade e santidade equivaliam a sua exaltada posição. Estavam investidos da sabedoria de Deus e cingidos com a armadura celestial”* (VA, p. 14, 15).

“Embora Deus houvesse criado Lúcifer nobre e formoso, e o houvesse colocado em posição de elevada honra entre os anjos, não o deixou fora do alcance da possibilidade do mal. Satanás tinha o poder, se decidisse por este caminho, de perverter seus dons” (VA, p. 15).

Lúcifer não fez nada para obter tudo o que possuía. Tudo lhe havia sido dado como manifestação da graça de Deus quando foi criado.

Lúcifer, que não escolheu a sua criação, pois Deus declara: *“você era perfeito nos seus caminhos, desde o dia em que foi criado”* (Ez 28:15, NAA); recebeu vida, perfeição, sabedoria, formosura e posição de honra (Ez 28:12, 14); foi coroado com a dádiva da liberdade de escolha, todos dons da *“multiforme”* graça de Cristo Jesus, seu Criador.

“Ele [Cristo] foi o Criador de todas as coisas, e sustenta os mundos com Seu infinito poder” (TI, v. 5, p. 421).

“As estrelas do céu acham-se sob o controle de Cristo. Ele as enche de luz. Dirige os seus movimentos. Não o fizesse Ele, elas se tornariam estrelas cadentes” (TI, v. 6, p. 413).

O Universo revela a Deus como um Ser responsável, coerente, justo e amoroso, que assumiu o dever de Mantenedor, e nEle subsiste a permanência de todas as Suas obras, que criou com o propósito de glorificar o Seu nome (SI 19), *“para sempre e eternamente”* (SI 104:5, BJ).

Esse propósito incluía a Lúcifer, que, como toda a criação, foi criado perfeito, mas não completo em si mesmo. Ainda que ungido por Deus com uma gloriosa distinção: a mais honrada de todas as Suas criaturas, com poder de liderança, em sua existência, vida, era dependente de Cristo.

Lúcifer, criado perfeito O profeta Ezequiel usa como personagem simbólico o rei de Tiro, que explorando com sabedoria o comércio com as outras nações, enriqueceu e transformou em deslumbrante jardim a pequena ilha de Tiro, para, palidamente descrever a glória que Deus conferiu a Lúcifer, quando o criou: *“você era o modelo da perfeição, cheio de sabedoria e de perfeita beleza. Você estava no Éden, no jardim de Deus; todas as pedras preciosas o enfeitavam: sárdio, topázio e diamante, berilo, onix e jaspe, safira, carbúnculo e esmeralda. Seus engastes e guarnições eram feitas de ouro; tudo foi preparado no dia em que você foi criado”* (Ez 28:12, 13, NVI).

Santo, sem pecado *“Lúcifer, ‘filho da alva’ (Is 14:12), era o primeiro dos querubins cobridores, santo e incontaminado”* (PP, p. 10, 11).

Todas as criaturas de Deus foram criadas com a possibilidade de desenvolvimento em todas as suas faculdades espirituais, morais e intelectuais. Logo, sempre teriam motivações para crescer. No entanto, não foram criadas como um deus, mas dependentes de Deus.

Assim como o conhecimento de Deus é ilimitado: *“não há meio algum de sondar a sua inteligência”* (Is 40:28, TEB), assim, pela graça de Deus, todas as Suas criaturas foram dotadas de recursos ilimitados de expansão enquanto em perfeita dependência com o seu Criador. Assim era com Lúcifer: *“você era o modelo da perfeição, cheio de sabedoria. [...] Você era inculpável em seus caminhos desde o dia em que foi criado”* (Ez 28:12, 15, NVI).

A “A Bíblia de Jerusalém” traduz o verso 15: *“Desde o dia da tua criação foste íntegro em todos os teus caminhos até o dia em que se achou maldade em ti”*.

Deus, Cristo Jesus criou Lúcifer: *“perfeito, inculpável, íntegro”*, isto é: sem pecado e sem a propensão para o pecado.

Recebeu o livre arbítrio Lúcifer recebeu a grandiosa manifestação da graça de Deus, a liberdade de fazer escolhas, mas com discernimento para saber fazer a distinção entre o bom e o mau, o amor genuíno e a inveja e o ódio, a justiça e a injustiça.

O primeiro passo errado de Lúcifer no uso da liberdade de fazer escolhas, foi volver-se para si mesmo, nutrindo o “eu” no seu íntimo: *“seu coração tornou-se orgulhoso por causa da sua beleza, e você corrompeu a sua sabedoria”* (Ez 28:17, NVI). *“O teu coração se exaltou com a tua beleza. Perverteste a tua sabedoria por causa do teu esplendor”* (BJ).

Sobre essa dádiva, manifestação da justiça, do amor e da graça de Deus, a liberdade de escolha, Ellen G. White comentou: *“Ele não tem prazer na obediência forçada; e concede a todos livre-arbítrio, para que Lhe possam prestar serviço voluntário”*.

“Enquanto todos os seres criados reconheceram a lealdade pelo amor, havia perfeita harmonia por todo universo de Deus. A alegria da hoste celestial era cumprir o propósito do Criador” (PP, p. 10).

Como entender a escolha de Lúcifer, alimentando o seu “ego”? Essa escolha é denominada pelo apóstolo Paulo como, *“o mistério da iniquidade”* (2Ts 2:7, NVI). Isto é: não há explicação.

Posição conferida a Lúcifer *“Você foi ungido como um querubim guardião, pois para isso eu o designei. Você estava no monte santo de Deus e caminhava entre as pedras fulgurantes”* (Ez 28:14, NVI).

Lúcifer foi *“ungido”*, separado por Deus para ser o guardião líder da hoste angélica. Deus colocou sobre ele a responsabilidade de como instruir e orientar os anjos em sua maneira de glorificar e exaltar a Deus, Cristo Jesus e o Espírito Santo, como únicos, em Sua eternidade, imutabilidade, majestade, santidade, esplendor, glória, poder, dignos de adoração.

Ele tinha permanente acesso à presença de Deus: *“Você estava no monte santo de Deus e caminhava entre as pedras fulgurantes”* (Ez 28:14, NVI).

“Lúcifer fora querubim guardião. Estivera à luz da presença divina. Fora o mais elevado de todos os seres criados, e o primeiro em revelar ao Universo os desígnios divinos” (DTN, p. 758).

Começou a nutrir o mal O grande conflito de conceitos espirituais teve a sua origem no Céu na mente da mais gloriosa e elevada criatura de Cristo, Lúcifer: *“até que se achou maldade em você”* (Ez 28:15, NVI).

“No entanto, uma mudança alterou esse contexto de felicidade. Houve um ser que perverteu a liberdade que Deus havia concedido às Suas criaturas. O pecado se originou com aquele que, abaixo de Cristo, havia sido o mais honrado por Deus e o mais elevado em poder e glória entre os habitantes do Céu. Lúcifer. ‘filho da alva’ (Is 14:12), era o primeiro dos querubins cobridores, santo e incontaminado. Permanecia na presença do grande Criador, e os incessantes raios da glória que cercavam o eterno Deus repousavam sobre ele” (PP, p. 10, 11).

Foi com a mais honrada criatura de Deus e de Cristo que se originou o mal. Lúcifer foi criado como *“o modelo da perfeição”* (Ez 28:12, NVI). Portanto, *“é impossível explicar a origem do pecado apontando a razão se sua existência. Contudo, podemos compreender o suficiente com respeito ao surgimento e ao fim do pecado, para que a justiça e a benevolência de Deus em Sua relação com o mal fiquem plenamente evidentes. Deus não é responsável, de maneira nenhuma pela origem do pecado. Nada é mais claramente ensinado nas Escrituras do que isso. Ele nunca privou alguém de sua graça nem houve qualquer deficiência em Seu governo que motivasse a rebelião. O pecado é um intruso, cuja presença não tem justificativa. É algo misterioso, inexplicável. Justificá-lo equivale a defendê-lo”* (GC, p. 412).

Deus, “*nunca privou alguém de sua graça*”, envolve todas as Suas criaturas, incluindo Lúcifer. Se o tivesse feito, o mal, o pecado teria uma justificativa.

A declaração seguinte é poderosa no sentido de que o pecado não tem justificativa: “*Lúcifer poderia ter continuado a desfrutar da graça de Deus, sendo amado e honrado por todos os anjos e exercendo suas nobres habilidades para abençoar outros e glorificar seu Criador. Mas, como disse o profeta, seu coração se elevou por causa de sua formosura, e ele corrompeu sua sabedoria por causa de seu esplendor. (v. 17). Pouco a pouco, Lúcifer deu lugar ao desejo de exaltação própria. ‘Estimas o teu coração como se fora coração de Deus’ (v. 6)’ Tu dizias: [...] acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei [...]; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo’ (Is 14:13, 14). Em vez de procurar fazer com que Deus fosse o alvo supremo das afeições e da lealdade de suas criaturas, o esforço de Lúcifer era conquistar para si o serviço e a homenagem dos seres criados. E, cobiçando a honra que o infinito Pai havia conferido ao Seu Filho, esse príncipe dos anjos aspirava a um poder que somente Cristo tinha o direito de exercer” (GC, p. 413). (Destaque acrescentado)*

Inexplicavelmente o uso pervertido da liberdade de escolha corrompeu o caráter perfeito de Lúcifer, recebido de Deus, e a maldade começou a ser nutrida no silencioso íntimo do seu ser. Pouco a pouco foi rejeitando a sua dependência de Deus, a subsistência pela graça e alimentando o desejo de independência, de “*exaltação própria*”. “*Serei como o Altíssimo*” (Is 14:14, NVI).

A lei, uma forma da multiforme graça de Deus. No dia em que Deus pronunciou a Sua lei moral para o povo de Israel, Ele definiu dois conceitos fundamentais do Seu relacionamento com o ser humano e do ser humano com Ele e também com os seus semelhantes: Eu sou o Deus da graça *“que te tirou do Egito, da terra da escravidão”* (Êx 20:2, (NVI), e, ofereço e coloco perante vocês o meu caminho da graça, proclamando a lei orientadora da conduta, os Dez Mandamentos, o caminho da graça.

O cumprimento da lei, envolvendo toda a Palavra de Deus que expressa a Sua vontade como suprema, é a fonte da harmonia entre Criador e criaturas e entre as criaturas, porque traz em si a graça que move a reciprocidade das ações. O amor gera amor, e isto é fruto da lei do amor e graça.

“Enquanto todos os seres criados reconheceram a lealdade pelo amor, havia perfeita harmonia por todo o universo de Deus. A alegria da hoste celestial era cumprir o propósito do Criador. Tinham prazer em refletir Sua glória e manifestar Seu louvor. E, enquanto o amor para com Deus predominava, o amor de uns para com outros era cheio de confiança e abnegação. Nenhuma nota dissonante havia para desafinar as harmonias celestiais” (PP, p. 10).

Esse foi o caminho que Deus colocou perante o povo de Israel no monte Sinai, proclamando a Sua vontade: *“obedeçam aos meus decretos e ordenanças, pois o homem que os praticar por eles viverá. Eu sou o Senhor”* (Lv 18:5, NVI).

O salmista Rei Davi, em oração pediu a Deus: *“afasta de mim o caminho da mentira e dá-me a graça da tua lei” “Desvia-me dos caminhos enganosos; por tua graça, ensina-me a tua lei”* (Sl 119:29, TEB, NVI).

O ensino do salmista sobre a graça e a lei é o ensino de Paulo, no Novo Testamento: *“porque a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens. Ela nos ensina a renunciar a impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente”* (Tt 2:11, 12, NVI).

O salmista, rei Davi e o apóstolo Paulo declaram: a graça de Deus ensina. O que, ou, Quem é essa graça que ensina a rejeitar a mentira, o engano, a impiedade, as paixões mundanas, o mal, aceitar e viver o bem? A graça se manifestou na presença personificada de Jesus. Portanto é Jesus quem nos ensina a abandonar o pecado e aceitar o estilo de vida segundo a vontade de Deus. De que maneira Ele ensina? Por toda *“palavra que procede da boca de Deus”* (Mt 4:4, NVI), que expressa a Sua vontade como lei para todo o nosso procedimento. Ele é a graça, mas Ele também é a lei. Na Sua morte, por Sua graça, apela para que abandonemos o pecado e nos ensina e conduz para aceitar a graça da Sua lei, para viver de maneira sensata, justa e piedosa.

Jesus resumiu esse conceito dessa forma da graça, com o princípio de conduta: *“se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos”* (Jo 14:15, NVI).

Para os salmistas, a graça e a conduta orientada pela lei, são inseparáveis, pois é pela lei, pela Palavra que a graça comunica o discernimento para detestar, odiar e vencer o pecado e caminhar na vereda da justiça. *“Graças aos teus preceitos tenho discernimento, por isto detesto todos os caminhos da mentira”* (Sl 119:104, TEB).

“Grande paz têm os que amam a tua lei; para eles não há tropeço” (Sl 119:165, ARA). Que compreensão maravilhosa do plano redentor e restaurador de Deus. Pela graça o relacionamento de

amor é restaurado e o pecador está em paz com Deus, obedecendo às orientações de Sua lei, isto é, toda Palavra que procede da boca de Deus, o caminho da graça.

“Aguardo a tua salvação, Senhor, e pratico os teus mandamentos. [...] Anseio pela tua salvação; Senhor, e a tua lei é o meu prazer” (Sl 119:166, 174, NVI). *“Mandamentos”*, refere aos preceitos específicos da lei moral. *“Lei”*, envolve toda a Palavra de Deus.

A graça está ligada à conduta. A graça determina um novo estilo de vida e rege este novo modo de conduta pela lei moral e por todos os ensinamentos da Sua palavra. Por esta razão, o salmista declarou: *“aguardo a tua salvação, Senhor, e pratico os teus mandamentos. [...] Anseio pela tua salvação; Senhor, e a tua lei é o meu prazer”* (Sl 119:166, 174, NVI).

Jesus é a graça; Jesus é a lei. A lei é a forma da *“multiforme graça de Deus”* que orienta a conduta em harmonia com a justiça, para desenvolver o estilo de vida sensato, piedoso, justo e agradável à vontade de Deus.

A queda de Lúcifer O que aconteceu com Lúcifer, desfrutando as bênçãos de todos esses dons da graça, que o conduziu à rebeldia e ao pecado? *“Até que se achou iniquidade em você”* (Ez 28:15, NAA).

Que sequência de atos de iniquidade culminou com o pecado? *“Você ficou orgulhoso por causa da sua formosura, você corrompeu a sua sabedoria por causa do seu esplendor, [...] pela multidão das suas iniquidades, pela injustiça do seu comércio, você*

profanou os seus santuários. [...] Você se encheu de violência e pecou” (Ez 28:17, 18, NAA).

Lúcifer foi tentado pelo orgulho por causa da sua formosura; foi tentado com ideias em desarmonia com o caráter de Deus e questionar a Sua justiça e o Seu amor, por causa da sua sabedoria; foi tentado pela inveja, questionando a posição de Cristo, seu Criador, por causa da sua exaltada posição de honra; foi tentado a questionar que o seu corpo e dos anjos eram um santuário para a habitação de Deus; permitiu que as tentações o dominassem e pecou, rebelando-se contra Deus e contra Cristo.

“Desde os séculos eternos era o desígnio de Deus que todos os seres criados, desde os luminosos e santos serafins até ao homem, fossem um templo para morada do Criador” (DTN, p. 161).

A tentação não é pecado. Alimentar a tentação e permitir que ela nos domine, conduz para o pecado. *“Cada um, porém, é tentado pelo próprio mau desejo, sendo por ele arrastado e seduzido. Então esse desejo, tendo concebido, dá à luz o pecado, e o pecado, após ter-se consumado, gera a morte” (Tg 1:14, 15, NVI).* *“Um abismo chama outro abismo” (Sl 42:7, NAA).*

Como Deus agiu com Lúcifer e suas tentações. Descrevendo a criação e queda de Lúcifer, o profeta Ezequiel, simbolicamente usa o rei de Tiro. Em sua descrição o faz, como Deus falando de Seu exímio e dedicado trabalho para criar um ser perfeito em todos os detalhes e lembrando o grande propósito de sua criação: glorificá-Lo como Deus eterno e Criador. Fala da sua escolha de exaltação própria, como insatisfeito com toda a glória recebida. E então refere a sua rebeldia e de como Deus o expulsou do Céu e o condenou à destruição.

É muito importante dar atenção à maneira de o profeta introduzir a manifestação de Deus sobre a criação e queda de Lúcifer: *‘Filho do homem, erga um lamento a respeito do rei de Tiro’* (Ez 28:12, NVI). A “Nova Tradução na Linguagem de Hoje”, traduz: *“Homem mortal, cante uma canção de tristeza por causa do fim que o rei de Tiro vai ter”*.

É importante observar que a mesma reação Deus externou quando decidiu destruir a Sua criação na Terra, por meio do dilúvio: *“Então o Senhor arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra, e isso cortou-lhe o coração”* (Gn 6:6, NVI).

O profeta Isaías proclama de que destruir as obras por Ele criadas é um ato estranho e misterioso para Deus (Is 28:21).

À luz desse contexto é muito importante avaliar como as Escrituras Sagradas e a inspiração descrevem a maneira de Deus tratar o problema das tentações e da rebelião de Lúcifer.

Cristo tornou conhecido o fruto de sua insatisfação. *“Todo o Céu se alegrava em refletir a glória do Criador e celebrar Seu louvor. E enquanto Deus havia sido honrado dessa forma, tudo era paz e alegria. No entanto, uma nota discordante rompeu a harmonia celestial. O serviço e exaltação em favor de si mesmo, contrários ao plano do Criador, despertavam pressentimentos do mal nas mentes para as quais a glória de Deus era suprema. Os concílios celestiais insistiram com Lúcifer. O Filho de Deus lhe apresentava a grandeza, a bondade e a justiça do Criador, bem como a natureza sagrada e imutável de Sua lei. Deus mesmo havia estabelecido a ordem do Céu, e, afastando-se dela, Lúcifer desonraria seu Criador, trazendo sobre si a ruína. No entanto, a advertência feita com amor e misericórdia infinitos apenas despertou o espírito de resistência.*

Lúcifer permitiu que prevalecesse a inveja para com Cristo e se tornou ainda mais rebelde” (GC, p. 414). (Destaque acrescentado).

Jesus procurou despertar Lúcifer para compreender “a grandeza, a bondade e a justiça do Criador”. Paulo fez a inquiridora pergunta: “*não reconhecendo que a bondade de Deus o leva ao arrependimento?*” (Rm 2:4, NVI).

Paulo usa a palavra “*bondade*”, para declarar que a graça de Deus leva o pecador ao arrependimento. A resistência e a rejeição do apelo da graça, conduz para o espírito da independência de Deus, Seu amor e cuidado. Foi isso o que aconteceu com Lúcifer: “*No entanto, a advertência feita com amor e misericórdia infinitos apenas despertou o espírito de resistência. Lúcifer permitiu que prevalecesse a inveja para com Cristo e se tornou ainda mais rebelde*” (GC, p. 414).

Os anjos fiéis e leais trabalhando com Lúcifer “*Os anjos alegremente reconheceram a supremacia de Cristo e, prostrando-se diante dEle, extravasaram seu amor e adoração. Lúcifer se curvou com eles, mas em seu coração havia um conflito estranho e violento. A verdade, a justiça e a lealdade estavam lutando contra a inveja e o ciúme. A influência dos santos anjos pareceu por algum tempo levá-lo com eles. Ao se espalharem os cânticos de louvor em melodiosos acordes, avolumados por milhares de vozes alegres, o espírito do mal pareceu subjogado, um inexprimível amor fazia vibrar todo o seu ser. Unido aos adoradores destituídos de pecado, sua alma se expandia em amor para com o Pai e o Filho. No entanto, ficou novamente repleto de orgulho por sua própria glória. Voltou-lhe o desejo de supremacia, e uma vez mais condescendeu com a inveja de Cristo*” (PP, p. 12).

“Os anjos leiais e sinceros procuraram reconciliar esse anjo poderoso e rebelde com a vontade do Criador. Justificaram o ato de Deus de conferir honra a Jesus Cristo, e com poderosos argumentos tentaram convencer Satanás de que ele próprio não possuía agora menor honra do que antes de o Pai proclamar a honra especial conferida ao Filho. Mostraram-lhe claramente que Jesus era o Filho de Deus, existindo com Ele antes que os anjos houvessem sido criados, e que sempre estivera à destra de Deus, sem que Sua terna e amorável autoridade jamais tivesse sido questionada; nem dera Ele qualquer ordem que os seres celestiais não houvessem cumprido alegremente. Argumentaram que o fato de haver Cristo recebido honras especiais por parte do Pai, na presença dos anjos, não diminuía a honra que ele [Satanás] recebera até então” (VA, p. 19, 20).

Deus removeu Lúcifer da sua liderança *“Por isso eu o lancei, humilhado, para longe do monte de Deus, e o expulsei, ó querubim guardião, do meio das pedras fulgurantes” (Ez 28:16, NVI).*

“Com grande misericórdia, de acordo com Seu caráter divino, Deus suportou Lúcifer por muito tempo. O espírito de descontentamento e hostilidade nunca antes havia sido conhecido no Céu. Era um elemento novo, estranho, misterioso, inexplicável. A princípio o próprio Lúcifer não esteve ciente da natureza verdadeira de seus sentimentos. [...] Entretanto, esforços que somente o amor e a sabedoria infinitos poderiam imaginar foram feitos para convencê-lo de seu erro” (PP, p. 14, 15). (Destaque acrescentado).

Deus revelou a Sua longanimidade *“Em Sua grande misericórdia, Deus suportou Satanás por muito tempo. Ele não foi*

imediatamente expulso de sua posição elevada ao alimentar o espírito de descontentamento, nem mesmo quando começou a apresentar suas falsas alegações diante dos anjos fiéis. Permaneceu ainda por muito tempo no Céu. Várias vezes lhe foi oferecido o perdão, sob a condição de que se arrependesse e submetesse” (GC, p. 414, 415).

“Naquele tempo, ele não tinha repellido totalmente sua lealdade a Deus. Embora tivesse deixado sua posição como querubim cobridor, teria sido reintegrado em suas funções se estivesse disposto a voltar para Deus, reconhecendo a sabedoria do Criador e satisfeito por ocupar o lugar a ele designado no grande plano de Deus.” (PP, p.15). (Destaque acrescentado).

“Dura0nte longos séculos, suportou Deus a angústia de contemplar a obra do mal. Preferiu dar a infinita Dádiva do Gólgota, a deixar alguém ser iludido pelas falsas representações do maligno; pois o joio não podia ser arrancado, com o risco de desarraigar a preciosa semente. E não seremos tão clementes para com nossos semelhantes, como o Senhor do Céu e da Terra o é com Satanás?” (PJ, p. 72).

Lúcifer apontou a longanimidade de Deus como uma prova de sua superioridade” (PP, p. 15). (Destaque acrescentado).

Deus revelou de maneira poderosa a grandeza do Seu caráter de justiça, amor e graça, por meio da manifestação do Seu amor, bondade, paciência, misericórdia, clemência, compassividade, longanimidade, todos, qualificativos que emolduram a graça.

Deus não agiu compulsivamente com Lúcifer Como Deus eterno, em harmonia com o Seu caráter de perfeita justiça e perfeito

amor, “permitiu que Satanás levasse avante sua obra até que o espírito de desafeto amadurecesse em ativa revolta. Era necessário que seus planos se desenvolvessem completamente para que todos pudessem ver sua verdadeira natureza e tendência. Lúcifer, sendo o querubim ungido, fora grandemente exaltado. Ele era muito amado pelos seres celestiais, e sua influência sobre eles era forte. O governo de Deus incluía não somente os habitantes do Céu, mas também de todos os mundos que Ele havia criado. Assim Lúcifer concluiu que, se ele pôde levar consigo os anjos à rebelião, poderia também levar todos os mundos. De forma astuta, ele havia apresentado a questão sob seu ponto de vista, empregando sofisma e fraude, a fim de alcançar seus objetivos. Seu poder para enganar era muito grande. Disfarçando-se sob a capa da falsidade, alcançara uma vantagem. Todos os seus atos eram de tal maneira revestidos de mistério que era difícil revelar aos anjos a verdadeira natureza de sua obra. Antes que se desenvolvesse completamente, não poderia mostrar-se o quanto era mau; sua inimizade não seria vista como sendo rebelião. Nem mesmo os anjos fiéis conseguiram discernir completamente o caráter dele ou ver onde sua obra iria parar” (PP, p. 17).

“O orgulho de sua própria glória alimentava o desejo de supremacia. As elevadas honras conferidas a Lúcifer não eram valorizadas como um dom de Deus e não despertavam gratidão para com o Criador” (GC, p. 414).

Lúcifer perverteu e rejeitou a graça de Deus “Um compassivo Criador, sentindo terna piedade por Lúcifer e seus seguidores, procurava fazê-los retroceder do abismo de ruína em que estavam prestes a imergir. No entanto, Sua misericórdia foi mal

interpretada. Lúcifer apontou a longanimidade de Deus como uma prova de sua superioridade, como indicação de que o Rei do Universo ainda concordaria com suas imposições. Declarou que, se os anjos permanecessem firmes com ele, poderiam ganhar tudo que desejassem” (PP, p. 15). (Destaque acrescentado).

As ambições de Lúcifer, erroneamente nutridas, se tornaram mais fortes do que a poderosa manifestação dos atos da graça de Deus. A compassividade, a misericórdia, a clemência e a longanimidade de Deus, atributos que se identificam com a graça, foram considerados como complacência e que para agradar a ele, Lúcifer, e aos anjos rebeldes, Deus satisfaria aos seus desejos. Lúcifer confundiu clemência com complacência. Deus é clemente, mas não complacente. *“O Senhor é tardio em irar-se, mas grande em poder e jamais inocenta o culpado”* (Na 1:3, ARA).

Lúcifer rebelou-se contra a lei de Deus e Sua graça O profeta Daniel prediz o surgimento de um poder espiritual que se levantaria contra Deus *“o Altíssimo; cuidará em mudar os tempos e a lei. [...] Pela sua sutileza, fará prosperar o engano na sua mão, e no seu coração se engrandecerá, e destruirá muitos que vivem em segurança; levantar-se-á contra o príncipe dos príncipes; porém será quebrado sem intervir mão de homem”* (Dn 7:25 e 8:25, TB).

Interpretamos essa predição aplicando-a ao poder papal, mas no Céu, quem realmente questionou a validade da lei de Deus e se levantou contra Jesus Cristo, o Príncipe dos príncipes, foi Lúcifer.

“Desde o princípio a grande controvérsia fora a respeito da lei de Deus. Satanás procurara provar que Deus era injusto, que Sua lei era defeituosa, e que o bem do Universo exigia que ela fosse mudada. Atacando a lei, ele visava subverter a autoridade de seu

Autor. Seria mostrado no conflito se os estatutos divinos eram deficientes e passíveis de mudança, ou perfeitos e imutáveis” (PP, p. 44, 45).

Essa foi a tentação que levou Lúcifer à queda. Ele começou a questionar a validade da lei depois de questionar o amor de Deus e a Sua *“longanimidade”* (PP, p. 15) na administração da Sua graça. Passou a nutrir a ambição de que era merecedor de maior honra: *“Descontente com a posição que ocupava, apesar de ser mais honrado do que a hoste celestial, ousou cobiçar a homenagem devida somente ao Criador. Em vez de procurar fazer com que Deus fosse o alvo supremo das afeições e fidelidade de todos os seres criados, (“como encarregado, administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas” (1Pe 4:10), seu esforço consistiu em obter para si o serviço e a lealdade deles. E, cobiçando a glória que o infinito Pai havia conferido ao Seu Filho, esse príncipe dos anjos aspirou ao poder que era a prerrogativa de Cristo unicamente”* (PP, p. 11, interpolação acrescentada).

Lúcifer rebelou-se contra a forma da graça de Deus que é o canal da vida de Deus fluindo para as Suas criaturas pela manifestação do Seu inesgotável amor. Esse canal pode ser boqueado pela rejeição da dependência, pela recusa da submissão, pela rebeldia da obediência, que *“dá à luz o pecado”* (Tg 1:15, NVI).

Lúcifer alimentou de maneira tão compulsiva a sua ambição de poder e grandeza, que perdeu o senso da sua inteira dependência da graça de Deus e formou a irresistível ideia de que era um ser independente: *“serei como o Altíssimo”*.

Lúcifer fez a sua escolha *“Havia chegado o momento para uma decisão final; deveria render-se completamente à soberania*

divina, ou colocar-se em aberta rebelião. Quase chegou à decisão de voltar; mas o orgulho o impediu de fazer isso” (PP, p. 15).

“Por meio do seu amplo comércio, você encheu-se de violência e pecou” (Ez 28:16, NVI).

Rejeitando todos os apelos que traziam em si a manifestação da *“multiforme”* graça de Deus, Lúcifer decidiu independe-se de Deus e de Cristo, rebelando-se e transformando-se em Satanás, o inimigo de Deus e de Cristo.

Lúcifer e seus anjos expulsos do Céu Deus e Cristo, em razão da escolha de Lúcifer, o expulsaram do Céu. *“Seu coração tornou-se orgulhoso por causa da sua beleza, e você corrompeu a sua sabedoria por causa do seu esplendor. Por isso eu o atirei à terra; fiz de você um espetáculo para os reis” (Ez 28:17, NVI).*

“O pecado se originou com aquele que, abaixo de Cristo, havia sido o mais honrado por Deus e o mais elevado em poder e glória entre os habitantes do Céu. Lúcifer, ‘filho da alva’ (Is 14:12), era o primeiro dos querubins cobridores, santo, incontaminado” (PP, p. 10, 11).

O profeta Isaías assim retrata a ambição de Lúcifer: *“Subirei mais alto que as mais altas nuvens; serei como o Altíssimo” (Is 14:14, NVI).*

“Satanás [...] quis se tornar um centro de influência. Uma vez que não poderia ser a mais alta autoridade no Céu, se tornaria a mais elevada autoridade em rebelião contra o governo do Céu. Seria líder, exerceria controle e não seria controlado” (VA, p. 23).

Lúcifer corrompeu a sua responsabilidade *“como encarregado de administrar bem a multiforme graça de Deus” (1Pe 4:10, NAA):*

“assim foi que Lúcifer, ‘o portador de luz’, aquele que participava da glória de Deus, que servia junto ao seu trono, tornou-se, pela transgressão, Satanás, o ‘adversário’ de Deus e dos seres santos, e destruidor daqueles a quem o Céu confiou à sua guia e guarda” (PP, p. 15).

“O conhecimento possuído por Satanás e os que com ele caíram, quanto ao caráter de Deus, de Sua bondade, misericórdia, sabedoria e excelente glória, tornou imperdoável a culpa dos rebeldes” (VA, p. 25).

“Seu coração tornou-se orgulhoso por causa da sua beleza, e você corrompeu a sua sabedoria por causa do seu esplendor. Por isso eu o atirei à terra; fiz de você um espetáculo para os reis” (Ez 28:17, NVI).

Lúcifer não foi expulso do Céu porque Deus é ditador, tirano, intolerante e arbitrário, mas porque ele escolheu rejeitar o perfeito amor e a inexaurível graça de Deus, e pela rebelião tornou-se inapto para o ambiente de santidade justiça e amor, e fez o rio da graça secar para ele, recebendo a justa recompensa de sua escolha.

Como um ser perfeito, criado pelo Deus perfeito e colocado em um ambiente de perfeição, se corrompeu e deu origem ao pecado, é descrito pelo apóstolo Paulo como *“o mistério da iniquidade”* (2Ts 2:7, NAA).

Lúcifer rejeitou as formas da graça a ele reveladas por Deus, nas Suas demonstrações apresentando a Trindade como o Deus eterno e Criador, e os seres celestiais, como criaturas; *no amor, na misericórdia, na compassividade, na justiça, na benevolência, na longanimidade, no perdão incondicional oferecido reiteradas vezes,*

na clemência, no apelo direto de Cristo Jesus, (PP, p. 11, 14, 15, 16, 18).

No Céu, a rejeição dos atributos do caráter de Deus, conduziu Lúcifer à rebelião e ao pecado, e como Satanás, no jardim do Éden, enganou Adão e Eva em relação ao perfeito caráter de Deus, e também os induziu ao pecado e à rebelião.

A forma da graça que Lúcifer não conheceu *“Mesmo quando foi expulso do Céu, a Sabedoria infinita não destruiu Satanás. Visto que unicamente o serviço de amor pode ser aceito por Deus, a fidelidade de suas criaturas deve se basear em uma convicção de Sua justiça e benevolência. Os habitantes do Céu e dos mundos, não estando preparados para compreender a natureza ou consequência do pecado, não poderiam ter visto então a justiça de Deus na destruição de Satanás. Se ele tivesse sido imediatamente destruído, alguns teriam servido a Deus pelo temor em vez de fazer isso por amor. [...] E a justiça e a misericórdia de Deus, bem como a imutabilidade de Sua lei, pudessem para sempre ser postas fora de toda a questão” (PP, p. 18).*

O profeta João descreve a derrota e a expulsão do dragão, Satanás e seus anjos, que aconteceu no centro do “Reino dos Céus”, sendo “atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos” (Ap 12:9, NAA), em confinamento no minúsculo planeta Terra, dentro do “Reino dos Céus”, porque não existe local fora deste Reino.

Com a queda de Adão Deus revelou a forma da graça que Lúcifer e os anjos não conheciam e sobre essa manifestação da graça, Ellen G. White declarou: *“jamais teríamos aprendido o significado desta palavra ‘graça’ se não houvéssemos caído. Deus ama os anjos santos que executam Sua obra e são obedientes a*

todos os Seus mandamentos, mas Ele não lhes dá a graça. Estes seres celestiais nada conhecem da experiência da graça; nunca necessitaram dela, pois nunca pecaram. A graça é um atributo de Deus manifestada aos seres humanos não merecedores. Não a buscamos, mas foi mandada em busca de nós. Deus Se alegra em dar Sua graça a todos que a desejam, não porque sejamos dignos, mas justamente porque somos totalmente indignos. Nossa necessidade é a qualificação que nos dá a segurança de que receberemos esse dom”.

“Mas Deus não usa essa graça para tornar sem efeito Sua lei. ‘Foi do agrado do Senhor, por amor da Sua justiça, engrandecer a lei, e torná-la gloriosa”.

“A graça de Deus e a lei estão em perfeita harmonia; andam de mãos dadas. Sua graça torna possível para nós acercar-nos dEle pela fé. Recebendo-a, e permitindo que opere em nossa vida, testificamos da validade da lei; exaltamos a lei e a tornamos gloriosa executando seus princípios” (MM, 1989, p. 100).

Como compreender essa declaração de Ellen G. White à luz da afirmação do apóstolo Pedro de que a graça de Deus é “*multiforme?*” E, à luz da declaração do apóstolo Paulo: “*a administração deste mistério que, durante as épocas passadas, foi mantido oculto em Deus, que criou todas as coisas. A intenção dessa graça [...] de acordo com o seu eterno plano que ele realizou em Cristo Jesus, nosso Senhor?*” (Ef 3:9-11, NVI).

O apóstolo Paulo fez uma declaração sobre a graça que somente pode ser plenamente compreendida à luz das formas da graça de Deus reveladas para Lúcifer e os anjos, antes da rebelião e do pecado, e a forma da graça revelada para o Universo com a queda

de Adão: *“Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça”* (Rm 5:20, ARA). *“Mas onde aumentou o pecado, aumentou muito mais ainda a graça”* (NAA). *“Mas onde aumentou o pecado, transbordou a graça”* (NVI).

Com a queda de Adão, Satanás, o autor do pecado, se tornou o príncipe usurpador deste mundo e o pecado inundou o planeta Terra, porque o pecado de Adão contaminou toda a sua descendência, pois em Adão *“todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus”* (Rm 3:23, NVI). Contaminou toda a natureza dos reinos: animal, vegetal e mineral.

E Satanás, o autor do pecado, tornou-se o falso príncipe deste mundo: *“chegou a hora de ser julgado este mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo”* (Jo 12:31, NVI).

Para este mundo, *“onde abundou o pecado”*, sob o domínio de Satanás, foi manifestado o *“mistério que, durante as épocas passadas, foi mantido oculto em Deus”*, na forma da Sua superabundante graça, assumindo a culpa do pecado de Adão e Eva e da sua descendência: *“Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus”* (1Co 5: 21, NVI).

Compreendendo que a graça de Deus é *“multiforme”*, façamos algumas perguntas para obter respostas. Qual a forma da graça da qual *“jamais teríamos aprendido o significado se não houvéssemos caído?”* A forma manifestada no Substituto inocente, *“sem pecado”* (Hb 4:15), assumindo a nossa culpa de condenados por causa do nosso pecado, para que por Sua justiça, por um ato de Sua superabundante graça, fôssemos perdoados e *“nele nos tornássemos justiça de Deus”* (1Co 5: 21, NVI).

Qual a forma da graça, Lúcifer e os anjos não conheceram? A mesma forma manifestada no Substituto inocente, “*sem pecado*” (Hb 4:15), em favor do pecador culpado, que os seres humanos nunca teriam conhecido se não houvessem caído.

Quais formas da graça de Deus foram manifestadas à todas as Suas criaturas? A graça da criação. Todas as criaturas vieram à existência por exclusiva iniciativa e competência de Deus. A graça da vida. Todas as criaturas recebem vida que emana da vida de Deus. A graça da imagem e semelhança com Deus. Todas as criaturas receberam atributos que são atributos comunicáveis do caráter de Deus. A graça do livre arbítrio. Todas as criaturas receberam de Deus a dádiva da liberdade e do direito da escolha. A síntese de todas as formas da graça encontra-se na graça da dependência. Nenhuma criatura existe por si mesma; todas dependem do poder mantenedor da graça de Deus. “*Porque ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas. [...] Pois nele vivemos, nos movemos e existimos*” (At 17:25, 28, NVI). “*Pois nele foram criadas todas as coisas, [...] e nele tudo subsiste*” (Cl 1:16, 17, NVI).

Todas as criaturas de Deus conheciam os atributos da grandeza do caráter de Deus, a Sua infinita e perfeita justiça, a longanimidade do Seu amor e da Sua graça.

“Todos os seres criados vivem pela vontade e poder de Deus. São dependentes depositários da vida de Deus. Do mais alto serafim ao mais humilde dos seres vivos, todos são providos da Fonte da vida” (DTN, p. 785).

Deus colocou Lúcifer na exaltada posição de ensinar para a hoste angélica sobre os atributos do Seu caráter. “*Você foi ungido como querubim guardião, pois para isso eu o designei. Você estava*

no monte santo de Deus e caminhava entre as pedras fulgurantes” (Ez 28:14, NVI).

Deus o fez [a Lúcifer] bom e formoso, tão semelhante quanto possível a Si próprio. [...] Concedeu-lhe elevada posição de responsabilidade. Nada lhe pediu que não fosse razoável. Deveria ele administrar o cargo que Deus lhe atribuía, num espírito de mansidão e devoção, buscando promover a exaltação de Deus, o qual lhe dera glória, beleza e encanto” (VA, p. 15).

Avaliemos outra questão relevante na declaração de Ellen G. White, em análise. *“A graça de Deus e a lei estão em perfeita harmonia”* (MM, 1989, p. 100).

A *“multiforme”* graça de Deus, incluindo a forma guardada em *“mistério em Deus”*, está em perfeita harmonia com a lei de Deus desde a eternidade.

É a compreensão e aceitação de que a graça de Deus e a Sua lei *“estão em perfeita harmonia; andam de mãos dadas”*, que conduz para testificar da eternidade, imutabilidade e validade da lei, exaltá-la e torná-la gloriosa, *“executando seus princípios”* (MM, 1989, p. 100), movidos pelo poder orientador de Sua graça. *“Por tua graça, ensina-me a tua lei”* (SI 119:29, NVI).

Porque tal como é eterna *“toda palavra que procede da boca de Deus”* (Mt 4:4, NVI), a lei é eterna: *“todos os seus preceitos merecem confiança. Estão firmes para sempre, estabelecidos com fidelidade e retidão. [...] A tua palavra, Senhor, para sempre está firmada nos céus. [...] A tua justiça é eterna, e a tua lei é a verdade”* (SI 111:7, 8; 119:89, 142, NVI), também a graça de Deus é eterna: *“a*

graça está estabelecida para sempre” (Sl 89:3, MS), ou: *“a graça tem bases eternas”* (PIBR).

Avaliemos mais um argumento contido na declaração em análise: *“mas Deus não usa essa graça para tornar sem efeito Sua lei”* (MM, 1989, p. 100).

A grande verdade indestrutível é que a graça em todas as suas formas, não *“torna sem efeito Sua lei”*. Todos os atributos do caráter de Deus são perfeitos e completos, formando um todo perfeito e completo. Essa verdade se fundamenta na Pessoa de Deus que não apenas tem os atributos, mas Ele é o eterno Eu Sou em todos os Seus atributos. Todos os Seus atributos são eternos como Deus é eterno, o que inviabiliza um atributo limitar ou tornar sem efeito outro atributo.

A gloriosa e irrefutável verdade de que Deus É, torna inquestionável a maneira de Deus agir nos atos de revelar ou não revelar atributos do Seu caráter para as Suas criaturas.

Por meio do profeta Isaías, Deus faz a poderosa declaração: *“ai daquele que contende com seu Criador, daquele que não passa de um caco entre os cacos no chão. Acaso o barro pode dizer ao oleiro: o que você está fazendo? [...] Digo: Meu propósito permanecerá em pé, e farei tudo o que me agrada”* (Is 45:9; 46:10, NVI).

Para Moisés, o Senhor Deus declarou: *“apareci a Abraão, a Isaac e a Jacó como El Shadai; mas pelo meu nome, lahweh, não lhes fui conhecido”* (Êx 6:3, BJ).

Com o fundamento da eternidade e imutabilidade dos atributos de Deus, compreendemos que a forma de: *“essa graça”*, que Deus

não usou para tornar sem efeito Sua lei, é a forma revelada do Substituto inocente, “*sem pecado*”, morrendo em lugar do pecador culpado, confirmando a lei, porque a exigência de sua justiça condenando o pecado, foi executada no Substituto, para oferecer perdão, justificação e redenção.

Entretanto, os seres celestiais, incluindo Lúcifer, que não conheceram a forma “*dessa graça*”, do Substituto, conheceram todas as outras formas da “*multiforme graça*” de Deus, que Ele lhes revelou. Foi a rejeição da “*multiforme graça*” de Deus, manifestada em diferentes formas para Lúcifer e aos anjos, que determinou a sua condenação, porque a rejeição do ensino da graça de obediência da lei, conduziu para a rebelião contra a graça e contra a lei. A rebelião culminou contra a autoridade de Deus e de Cristo, em quem a graça e a lei se encontram personificadas, porque Eles são o único eterno, imutável e magnífico Eu Sou.

Outra declaração inspirada também revela que Lúcifer conheceu a multiforme graça de Deus sem conhecer a superabundância da graça: “*Lúcifer poderia ter continuado a desfrutar da graça de Deus, sendo amado e honrado por todos os anjos e exercendo suas nobres habilidades para abençoar outros e glorificar seu Criador*” (GC, p. 413).

A revelação da superabundância da graça O Deus da graça, exerce a Sua autoridade com a benevolência da Sua graça; usa o Seu poder com a magnanimidade da Sua graça; executa a Sua justiça com a longanimidade da Sua graça e revela a imensurabilidade do Seu amor com a grandeza e superabundância da Sua graça.

Assim foi revelado para o Universo o mistério da superabundância da graça, que maravilhou os anjos e os mundos não caídos, e desconcertou Satanás e os demônios.

Quando Adão pecou, Jesus revelou para os anjos não caídos e o Universo o plano da superabundância da graça: *“A encarnação de Cristo é um mistério. A união da divindade com a humanidade é de fato um mistério, oculto em Deus, ‘o mistério que esteve escondido durante séculos’ (Cl 1:26). Ele foi mantido em silêncio eterno por Jeová, e foi pela primeira vez revelado no Éden, pela profecia de que o descendente da mulher esmagaria a cabeça da serpente, e que essa lhe feriria o calcanhar”*. (CBASD, v. 6, p. 1204, EGW).

“O plano pelo qual unicamente se poderia conseguir a salvação do homem abrangia todo o Céu em seu infinito sacrifício. Os anjos não puderam se alegrar quando Cristo lhes expôs o plano da redenção, pois viram que a salvação da humanidade deveria custar o indescritível infortúnio de seu amado Comandante. Com pesar e admiração escutaram Suas palavras ao contar-lhes como deveria descer da pureza e paz do Céu, de sua alegria, glória e vida imortal e ter contato com a degradação da Terra, para suportar suas tristezas, humilhação ignomínia e morte, Ele deveria ficar entre o pecador e a punição pelo pecado, mas poucos O receberiam como o Filho de Deus. Deixaria Sua elevada posição como a Majestade do Céu, apareceria na Terra, se humilharia como um ser humano e, por Sua própria experiência, Se familiarizaria com as tristezas e tentações que o homem teria de enfrentar” (PP, p. 40).

“Por ocasião do nascimento de Jesus, Satanás compreendeu que viera Alguém divinamente comissionado, para lhe disputar o

domínio. Tremeu, ante a mensagem dos anjos que atestava a autoridade do recém-nascido Rei. Satanás bem sabia a posição ocupada por Cristo no Céu, como o amado do Pai. Que o Filho de Deus viesse à Terra como homem, encheu-o de assombro e apreensão. Não podia penetrar o mistério desse grande sacrifício. Sua alma egoísta não compreendia tal amor pela iludida raça” (DTN, p. 115).

O “*mistério*” da superabundância da graça e do ilimitado amor de Deus era desconhecido por Satanás e pelos anjos e quando Jesus o revelou na profecia no Éden aos anjos, para todo o Universo, Satanás “*encheu-o de assombro e apreensão*”.

O apóstolo Paulo falando sobre a revelação do mistério de Deus do plano eterno da superabundância da graça, declarou: “*foi-me concedida esta graça de anunciar aos gentios as insondáveis riquezas de Cristo e esclarecer a todos a administração deste mistério que, durante as épocas passadas, foi mantido oculto em Deus, que criou todas as coisas. [...] A multiforme sabedoria de Deus se tornasse conhecida dos poderes e autoridades nas regiões celestiais, de acordo com o seu eterno plano que ele realizou em Cristo Jesus, nosso Senhor*” (Ef 3:8-11, NVI).

Esse “*eterno plano, [...] mantido oculto em Deus, [...] se tornasse conhecido dos poderes e autoridades nas regiões celestiais, (o conhecimento do eterno plano envolve os anjos fiéis, o Universo, Satanás e seus demônios), [...] que ele realizou em Cristo Jesus, nosso Senhor*”, não limitou a manifestação de Deus em Sua multiforme graça para com Lúcifer e os anjos rebeldes, permeada “*de sabedoria infinita, de amor, de bondade, de benevolência, de*

grandeza, de compassividade, de misericórdia, de longanimidade de clemência e de justiça” (PP, p. 11-18).

“Tinha sido difícil, mesmo para os anjos, compreender o mistério da redenção, isto é, entender que o Comandante do Céu, o Filho de Deus, devia morrer pelo ser humano culpado. Quando foi dada a Abraão a ordem para oferecer seu filho, despertou-se o interesse de todos os seres celestiais. Com extrema ansiedade, observavam cada passo no cumprimento daquela ordem. Quando Isaque perguntou – ‘Onde está o cordeiro para o holocausto?’, Abraão respondeu – ‘Deus proverá para Si [...] o cordeiro’ (v. 7, 8); e quando a mão do pai foi detida estando a ponto de matar seu filho, e fora oferecido o cordeiro que Deus provera em lugar de Isaque, derramou-se então luz sobre o mistério da redenção. Até mesmo os anjos compreenderam mais claramente a maravilhosa providência que Deus tomara para a salvação do ser humano 1P 1:12)” (PP, p. 123).

“Ao princípio do grande conflito, os anjos não entendiam isso. Houvesse sido deixado que Satanás e seus anjos colhessem os plenos frutos de seu pecado, e teriam perecido; mas não se patentearia aos seres celestiais ser isso o inevitável resultado do pecado. Uma dúvida acerca da bondade divina haveria permanecido em seu espírito, qual ruim semente, para produzir seu mortal fruto de pecado e miséria. Não será, porém, assim, ao findar o grande conflito. Então, havendo-se completado o plano da redenção, o caráter de Deus é revelado a todos os seres inteligentes. Os preceitos de sua lei são vistos como perfeitos e imutáveis. Então, o pecado terá patenteado sua natureza, Satanás o seu caráter. Então o extermínio do pecado reivindicará o amor de Deus, e

estabelecerá a Sua honra perante um universo de seres que se deleitam em fazer a Sua vontade, e em cujo coração está a Sua lei.

Bem podiam, pois, os anjos se regosijar ao contemplarem a cruz do Salvador; pois embora não compreendessem ainda tudo, sabiam que a redenção do homem era certa e que o universo estava para sempre a salvo. O próprio Cristo compreendeu plenamente os resultados do sacrifício feito no Calvário. A tudo isso olhava Ele quando exclamou na cruz: ‘Está consumado’” (DTN, p. 764).

Satanás condenado e destruído Satanás e os demônios foram condenados e serão completamente aniquilados porque com desprezo rejeitaram as manifestações das “múltiplas formas” da graça de Deus em seu favor. Os pecadores serão condenados e destruídos porque rejeitam a dádiva da superabundância da graça. *“Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado, por não crer no nome do Filho Unigênito de Deus. [...] Quem crê no Filho tem a vida eterna; já quem rejeita o Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele”* (Jo 3:18, 36, NVI).

Crer no Filho significa aceitar a oferta da graça como o valor pago para o nosso resgate do poder do pecado e receber por meio da graça a dádiva de vida eterna. Rejeitar o Filho significa rejeitar a oferta da graça e permanecer sob a ira da condenação de Deus. Receber vida eterna ou ser condenado à morte eterna é decidido pelo ato do pecador de aceitar a oferta da graça ou rejeitá-la.

Lúcifer e uma terça parte dos anjos decidiram rejeitar todas as formas da multifome graça de Deus, se encheram do espírito de violência e rebelião, e pecaram (Ez 28:16). Se tornaram Satanás e os demônios, inimigos de Deus e se colocaram sob a condenação de Deus. Lúcifer não estava sob a condenação de Deus, à nossa

semelhança, que em Adão, fomos enganados por Satanás, violentando a nossa liberdade de escolha, induzindo-nos a pecar contra Deus e tornando-nos seus escravos dominados pelo pecado.

Se compreendêssemos o apelo da manifestação da superabundância da graça de Deus na dádiva de Seu Filho Unigênito, assumindo o culpa de nossos pecados e sofrendo a condenação que pesava sobre nós, certamente a resposta às sedutoras investidas de Satanás seria decisiva e contundente. Jesus declarou a respeito de Satanás: *“ele não tem nenhum direito sobre mim”* (Jo 14:30, NVI).

Cedemos nós espaços para Satanás, ou Cristo ocupa de tal maneira todo o nosso ser, que Satanás não encontra nenhum espaço sobre o qual exerce o seu direito?